

Democracia Ocidental entre Sagrado e Profano

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: Parecia a muitos que a expressão Ocidente era um conceito datado, relativamente antiquado, e, mais ainda que vazio, carregado de ideologia. Parece que não, que guarda o seu sentido a muitos títulos. Parecia a muitos que a queda do muro e a transparência (гласность) e o reformismo ou reestruturação (перестройка) na Europa do Leste, que levariam ao desaparecimento da URSS, poderiam ser um passo para uma globalização da democracia liberal (ocidentalizada). Enganaram-se. Parecia a muitos que o Ocidente (exportando sempre, na sua sede de universalismo – outros chamam-lhe imperialismo ou colonialismo, e decerto há nesse impulso de tudo –, as suas ideias pelo globo), cada vez mais laico, dessacralizado, desencantado, teria criado um mundo profano global, apenas preocupado com coisas materiais e sem ceder à lógica do sagrado. Sem prejuízo dessa globalização materialista, o numinoso “volta a galope”. Neste artigo se discorre sobre o estado dessas crenças e como serão mitos-ilusão, em tempos de pandemia ainda não totalmente controlada, mas algo obnubilada pela guerra na Ucrânia.

Palavras Chave: Ocidente, Sagrado, Profano, Secularização, Guerra, Paradigmas, Democracia Liberal, Direito, Cultura do Cancelamento, Contemporaneidade.

Abstract: It seemed to many that the term West was a dated concept, relatively outdated, and, even more than empty, loaded with ideology. It seems that is not correct. It keeps its meaning in many ways. It seemed to many that the fall of the wall and transparency (гласность) and reformism or restructuring (перестройка) in Eastern Europe, which would lead to the demise of the USSR, could be a step towards a globalization of liberal (Westernized) democracy. They were wrong. It seemed to many that the West (always exporting, in its thirst for universalism – others call it imperialism or colonialism, and certainly there is in this impulse of everything –, its ideas around the globe), increasingly secular, desacralized, disenchanting, would have created a global profane world, only concerned with material things and without giving in to the logic of the sacred. Without prejudice to this materialist globalization, the numinous “galops back”. This article discusses the state of these beliefs and how they will be illusion-myths, in times of a pandemic not yet fully controlled, but somewhat clouded by the war in Ukraine.

Keywords: West, Sacred, Profane, Secularization, War, Paradigms, Liberal Democracy, Law, Culture of Cancellation, Contemporaneity.

“(…) l’idée que la Souveraineté est double, qu’elle a deux faces, l’une plus cosmique, plus magique, plus terrible, l’autre plus humaine, plus juridique, plus pieuse rappelle (...) des types de bipartition connus dans le monde: royauté double, par exemple, avec un roi gouvernant et un roi prêtre, ou avec un roi de la paix et un roi de la guerre”.

Georges Dumézil²

I. *Sociedade, Sagrado e Profano*

Os últimos séculos foram, em grande medida, na Europa ocidental, de progressiva dessacralização, trivialização, coisificação, materialização. Ou seja, de um desencantamento do mundo³. Mas em tempos agónicos, com pandemia e depois com guerra, não é impossível que o medo (ou uma qualquer estrada de Damasco) não

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (funções suspensas para dedicação à magistratura).

² Lição inaugural no Colégio de França, 1.º de dezembro de 1949, DUMÉZIL, Georges — *Mythes et dieux des Indo-Européens*, Paris, Flammarion, 1992, p. 23.

³ GAUCHET, Marcel — *Le Désenchantement du Monde*, Paris, Gallimard, 1985.

venha a dominar o imaginário e a produzir reações de sacralização⁴. A *vox populi* mediática atribuiu a André Malraux o dito “Le XXIe siècle sera religieux ou ne sera pas”, que viria a negar tê-lo dito. É, contudo, uma profecia que paira, não se sabe bem com que fundamento... Há decerto elementos nas nossas sociedades que podem, *grosso modo*, ser identificados com religiosidade (uma certa forma dela, tentativas de comunicação com alguma transcendência, certo *religare*)... Mas tudo teria que ser analisado ao microscópico. Tempos pouco sacros, em geral, mas com eventuais traços de sacralização, ou densidade sacral, ou disso imagem ou pretensão... Sociedades pluralistas têm um pouco de tudo – e, em geral, ainda bem.

Reflitamos um pouco em geral. Sacralização pode ser saturação de sagrado. Quando o ambiente geral é de muita sacralização (ou a reflete), sente-se um peso nos ares, só decerto compensado por uma brisa de profano, a qual, por seu turno, chega a banalização e até excesso (como nas festas de loucos e carnavais⁵) catártico. Porém, há sempre uma cumplicidade e complementaridade entre o sagrado e o profano, que são a cara e a coroa, o avesso e o direito.

Nenhuma sociedade aguenta um total desequilíbrio entre o sagrado e o profano. Aliás, como é óbvio, um determina o outro, não há um sem o outro.

O mundo sacralizado tende a ser o axiológica e hierarquicamente mais valorizado, o associado ao poder; enquanto o profano é o domínio do vulgo. Daí mesmo a expressão *profanum vulgus*. Sendo o modelo social “superior”, o sagrado, o sacralizado, nem por isso tende sempre a muita imitação. Aliás, como explicou Gabriel de Tarde nas suas leis da imitação⁶, esta exerce-se em vários sentidos, nem sempre se tendendo a imitar o que está mais alto (por vezes, a imitação vai até para o que está socialmente em patamar considerado mais baixo, como ocorreu nas danças, em que o tango foi imitado dos *bas fonds* argentinos e a valsa dos humildes camponeses austríacos). Embora, por exemplo, as famílias pobres sempre tenham almejado que seus filhos seguissem a carreira eclesiástica – uma espécie de nobilitação, e, sempre, mobilidade social ascendente. Além de acrescida educação, evidentemente. Mas decerto preponderava a dimensão puramente social. Este tipo de desiderato, na verdade, deverá ser mais fruto de atração sócio económica que verdadeiro fascínio pelo sagrado ou profundíssima devoção, embora este fator não seja

⁴ Cf., recentemente, explicações muito objetivadoras, “cientistas” e decerto contestáveis da parte de outras mundividências, em MARTIN, Étienne — *Le sentiment du divin sous l'angle des neurosciences*, “Science & cerveau”, n.º 14, junho-agosto 2022, p. 68 ss.. Não se trata de nada de novo, evidentemente. Cf., por todos, em clave ensaística e em desenvolvimento de clássicas perspetivas materialistas, as impressionantes palavras de BÜRGER, Peter — *Theorie der Avantgarde*, trad. port. de Ernesto Sampaio, *Teoria da Vanguarda*, Lisboa, Vega, 1993, p. 31: «A religião é a autoconsciência e o auto-sentimento do homem que ainda não se ganhou para si mesmo ou que já voltou a perder-se. Mas o homem não é nenhum ser abstracto, pairando fora do mundo. O homem é o mundo dos homens, o Estado, a sociedade. Esse Estado, essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque Estado e sociedade são um mundo invertido. (...) A religião é a fantástica realização da essência humana porque a essência humana carece de verdadeira realidade. A luta contra a religião é, portanto, a luta indirecta contra esse mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria religiosa é, por um lado, a expressão da miséria real e, por outro, o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura angustiada, o estado de animo de um mundo sem coração, o espírito dos estados de coisas carentes de espírito. É o *ópido do povo*.”. O sagrado na sua versão religiosa é atreito, como bem se sabe da história das perseguições e guerras religiosas, a uma conflitualidade profunda, visceral, que se anima e pretende legitimar com uma razão profundíssima, de crença – ou de crença na descrença. Por isso, ao analisar os movimentos revolucionários, Tocqueville compararia o seu *élan* com o das guerras religiosas (TOCQUEVILLE, Alexis de — *L'Ancien Régime et la Révolution*, Paris, Gallimard, ed. de 1967). Cf., ainda, par mais em tempos como os que vivemos, GIRARD, René — *La violence et le sacré*, Paris, Grasset, 1972.

⁵ HEERS, Jacques — *Fêtes des fous et carnivals*, Paris, Fayard, 1983, trad. port. *Festas de Loucos e Carnavais*, Lisboa, Dom Quixote, 1987.

⁶ TARDE, Gabriel de — *Les Lois de l'imitation*, Paris, 1895, trad. port., *As Leis da Imitação*, Porto, Rés, s/d..

de desprezar em alguns casos de pessoas muito piedosas, que procuram, de algum modo, intercessão no Além, salvação da alma própria e dos respetivos intercessores.

O mundo sacralizado é também o mundo encantado, do encantamento⁷. Desde logo, simbolizável pela variedade maravilhosa dos seres fantásticos das florestas.

O que se pode aperceber nos ares (em qualquer tempo, aliás) é complexo. *Es liegt in der Luft*, canção de 1928 interpretada por Marlene Dietrich pode já sugerir uma sacralização perversa, grande missa negra coletiva, apoteose de um sagrado distorcido e profanado (veja-se a suástica, que na sua versão nazi se encontra ao contrário do desenho original – significativamente). A canção começa por falar do que poderíamos traduzir por reificação ou objetivização e pegajosidade no ar... Ou seja, isso é o contrário da sacralização. E termina com um anti personalismo: cada pessoa que se encontra nas casas, está a mais – “Jeder Mensch, der da ist, stört!”. Mundo viscoso de coisas sem pessoas, esse é a caricatura do mundo excessivamente profano, tão profano que parece ser um anti sagrado.

Quando nos ares há “espinhos eriçados”, ou uma bruma de chumbo, ou um permanente poente de fogo, parece que se necessita de uma rutura regeneradora. É o caso do ditirambo tanático da guerra quotidiana nas nossas televisões ocidentais (para já). Banalização, trivialização, de um bárbaro sacrifício de sangue. A guerra é um ritual.

Imagina-se que a consagração dupla da Rússia e da Ucrânia pelo Papa Francisco tenha podido representar um gesto de como que um contra-ataque simbólico. Mas não terá tido, contudo, que tivéssemos notado, uma repercussão suficiente. Pelo menos para já. Apesar de que a resistência da Ucrânia todo este tempo parece já ser milagre.

Como se pode competir com mil e uma televisões a noticiar o ritual devastador em direto? Como a Paz consegue sobrepor-se a sua voz à da guerra? Cremos que é uma variante da grande questão do Bem e do Mal⁸.

II. Ocidente Profano

Façamos, contudo, uma breve *epochê* da guerra. Coloquemo-la entre parêntesis por uns momentos. Tentemos retomar o quotidiano de antes do eclodir do conflito armado, que era o de uma pandemia indecisa no fechar as portas, hoje aparentemente até em crescimento, embora calada pelo estampido das bombas.

Antes da atualidade da guerra, a pandemia teria sido uma grande oportunidade para ter aprendido muitas lições⁹. Desde logo de unidade europeia e de solidariedade geral. Passado o primeiro medo, os egoísmos sobrepuseram-se a quaisquer idealismos.

E agora, a guerra. Do lado ocidental e especificamente europeu, agora claramente o (re)descobrimos como sendo algo muito mais homogêneo, na sua pluralidade, do que cuidávamos: o Ocidente e a Europa existem mesmo. Mas aí havia e há muito de preocupante.

⁷ Cf., v.g., LE GOFF, Jacques — *Il Meraviglioso e il quotidiano nell'Occidente Medievale*, Roma / Bari, Laterza, 1983, trad. port. de António José Pinto Ribeiro, *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, 1989.

⁸ Entre nós, cf., v.g., BRAZ TEIXEIRA, António — *Deus, o Mal e a Saudade*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993.

⁹ Cf. os nossos livros *O IV Cavaleiro. Direito, Cultura e Apocalipses*, Coimbra, Almedina, 2020 e *Lições de Desumanidade. Entre Paz e Guerra*, João Pessoa-PB, Editora Porta, 2022.

Precisamente uma das fragilidades que se lhes poderão assacar é o desencanto ou coisificação (reificação), a secularização, a que poderíamos chamar *profanização* (diferente de “profanação” – trata-se apenas de tornar profano, não de profanar o sagrado, o que já acaba por ser da ordem da sacralidade). Ou usar a expressão, mais vulgarizada, secularização. O que ocorre é que tudo não passa da superfície do que aparenta. Tudo não seria senão “null’altro che”, como pôs em relevo Luigi Lombardi Vallauri¹⁰.

A secularização (ou *profanização*) do Ocidente (como está longe o Sacro Império Romano-germânico. E que nome, este!) pode ser uma vantagem contra a proliferação de teias-de-aranha que estão necessariamente fadadas a nascer nos interstícios de uma mentalidade eivada de crença e maravilhoso, ou seja, sem sentido crítico e espírito científico e racional a comandar o entendimento e a ação.

Porém, quanto se perde de *élan*, de consistência e voluntarismo anímico, de bandeiras e ideais profundamente enraizados, e em muito inabaláveis, porque dogmáticos e tradicionais! Certamente de algum modo o reconhecendo é que Vaclav Havel já remetia para a necessidade de a Europa vir a ter novos mitos¹¹. E Albert Camus sabia bem como ser capaz de cunhar mitos é o mais alto dom dado ao intelectual (ou ao estadista). Não basta a democracia não ser nada natural, e necessitar de permanente defesa e demonstração dos seus méritos. A verdade é que ela também não conseguiu, salvo aparentemente agora em guerra, afirmar-se como grande bem aglutinador do Ocidente. E, contudo, também se sabe que sob as asas democráticas da União Europeia e da NATO se albergam bolsas de menor democraticidade. Tida por garantida e eterna (como aliás a paz na Europa), a democracia já de há muito que vem contando com detratores e inimigos denodados, imbuídos de místicas do passado, cada vez com menor disfarce.

Contudo, a democracia não é da ordem do sagrado. “Sangue, suor e lágrimas” por ela vertidos, no passado como hoje, não a conseguem fazer competir com a sedução das magias dos gurus, das agitações convulsivas das massas postas em transe pelos demagogos ditatoriais, com as obscuridades *crypticas* dos hierofantes das teocracias. E ainda bem. Porque a adesão à democracia tem de ser racional. A democracia é uma forma política própria da Idade dos Homens (recordem-se os velhos mitos das idades e o seu mais “atual” teórico, de Giambattista Vico¹²). O sagrado, o mítico, o simbólico com a sua carga toda, original, é próprio das idades dos deuses, ou, pelo menos, dos heróis.

Vivemos tempos em que, como que por reação ao híper racionalismo e desertificação sacral de um certo *mainstream*, contraculturas menos oficiais (mas já com muita visibilidade nos *media* e conquistando até margens das universidades) de irracionalidade e alternativas não racionais de todo o tipo vão proliferando. Tal já tinha ocorrido noutras épocas em que o racionalismo procurava impor-se, como no Renascimento (onde proliferou a astrologia, por exemplo) ou o Iluminismo (em que várias “heresias” ocultistas e afins estiveram de moda, como, desde logo, os magnetismos e afins). Agora há apenas mais correntes e mais proselitismo de massas. Onde antes se conquistava a fama nos salões, agora são as televisões e as redes sociais a dar consagração.

Até no Direito uma certa epistemologia alternativa parece começar a instalar-se, pelo menos em alguns horizontes, mas rapidamente será fenómeno global. São de

¹⁰ LOMBARDI-VALLAURI, Luigi — *Terre. Terra del Nulla. Terra degli Uomini. Terra dell'oltre*, Milano, Vita e Pensiero, 1991.

¹¹ HAVEL, Vaclav — *Avons-nous besoin d'un nouveau mythe?*, in "Esprit", n.º 108, nov. 1985, p. 5 ss.

¹² VICO, Giambattista — *La Scienza Nuova*, 3.ª ed., introd. e notas de Paolo Rossi, Milão, Rizzoli, 1988 (1.ª ed. 1725).

uma impressionante clareza os alertas deixados por Bjarne Melkevik no seu livro *L'Intelligence du droit*¹³. Atrevemo-nos a traduzir um passo da contracapa, que nos parece decisivo, e a meditar urgentemente no meio:

“O problema hoje são as pseudociências com os seus avanços, as suas seduções e as suas cegueiras! Durante muito tempo o mundo jurídico pôde contemplar à distância a desgraça dos outros. Com uma falsa segurança, estávamos convencidos de que isso nunca viria a ocorrer nas faculdades de direito. Desarmados por essa serenidade, baixámos as guardas (*hélas!*), baixámos a nossa vigilância para um dia nos encontrarmos na mesma obscuridade que as ciências humanas e sociais face ao obscurantismo, aos fogos-fátuos teóricos, às pseudociências pretendendo falar’ em nome do direito’.”.

Afigura-se-nos que começa a haver um interessante (embora ainda tímido e sem grande repercussão, sobretudo se comparado com o psitacismo e a propaganda que procura atenuar – além de que muito dividido¹⁴) contra-ataque intelectual contra teoricismos normalmente hiper abstratos e apriorísticos, que se fizeram práticas políticas de grande impacto, que verdadeiramente colocaram o “mundo de pernas para o ar”, tudo de pernas para o ar (*alles auf den Kopf stellen*). E que mais ainda afastam os jovens da cultura, do saber e do espírito verdadeiramente crítico e os cidadãos comuns de tudo isso, e até os incentivando a um regresso ao passado, procurando abrigo em reacionarismos e obscurantismos que, ao menos, lhes parecem oferecer certezas familiares.

Assim se compreendem tão bem as dedicatórias feitas pelos dois autores de uma obra como *Cynical Theories*. Helen Pluckrose, além de dedicar o livro ao marido, sobretudo fá-lo também à filha “que não quer mais ouvir falar de pós-modernismo” – uma dedicatória forte (e talvez excessiva, mas compreensível). E acha que, assim, a sua missão se encontra cumprida. James Lindsay dedica o livro à esposa e cremos que vai mais longe, mais radicalmente: “E à minha mulher, Hether, que apenas queria ter uma vida simples e nada saber da existência de todos estes horrores”¹⁵. É o que muitos de nós, mesmo tendo tido uma vida inteira de convívio com as coisas da cultura (e note-se o “mesmo”), gostaríamos de dizer: até quando abusarão da nossa paciência? Até quando forçarão a lógica, o bom senso, o legado multiseular de uma cultura e uma civilização, e, cuidando ou pretendendo ser muito progressistas, na verdade perverterão (comprometendo) as justas aspirações de progresso, colocando as gentes comuns, totalmente alheias e cada vez mais avessas às suas subtilezas e sofismas, do lado dos piores obscurantismos e revanchismos, e sendo, assim, objetivamente cúmplices destes últimos?

¹³ MELKEVIK, Bjarne — *L'Intelligence du droit. Épistémologie juridique*, Paris, Buenos Books, 2021.

¹⁴ Cf., v.g., este muito significativo e esclarecedor passo de um interessante artigo de BOROWSKI, Elyane — *A Nova Era Identitária: Ideologia 'Woke' e 'Cancel Culture'*, “Finisterra. Revista de Reflexão e Crítica”, vol. 90, Lisboa, Fundação Res Publica, fevereiro de 2022, p. 130: “A frente que se deve opor a esta nova ordem moral está de momento muito dividida havendo várias clivagens: entre os países cujos valores assentam em ideais universalistas emancipadores e os países multiculturalistas que valorizam o comunitarismo; outra também, em parte geracional, com os ‘millennials’ (...), geração que teme ser agredida pelo real, frequentemente classificada de ‘vidrinho de cheiro’ (...), por causa da sua suposta fragilidade e do seu narcisismo que a leva a censurar e a proibir com facilidade. Finalmente, a outra clivagem é entre uma esquerda progressista, herdeira do Iluminismo, e uma esquerda identitária que ameaça a coesão social e se torna uma força reacionária de despolitização”.

¹⁵ PLUCKROSE, Helen / LINDSAY, James — *Cynical Theories. How Activist Scholarship Made Everything About Race, Gender, and Identity — and Why This Harms Everybody*, Pitchstone, USA, 2020, trad. port., *Teorias Cínicas*, Lisboa, Guerra e Paz, 2021.

III. Confronto de Paradigmas

Afinal, pode haver uma confrontação de paradigmas muito mais complexa e profunda do que possa parecer, aflorando nesta guerra, mas ainda decerto não muito apercebida. Depois dos tempos de medo da guerra fria, em que se temia um ataque da URSS ao Ocidente, estariam depois alguns certamente à espera que a III Guerra mundial deflagrasse entre uma “Eurásia” informal convertida à racionalidade profana – o próprio “comunismo” (os regimes que a tal oficialmente aspirariam) a isso poderia ter ajudado, como paradoxal “fase intermédia” para o “fim da História”¹⁶ – e um Islão “fundamentalista”, simbolizando a híper sacralização, ou outra potência não “europeia” (*hoc sensu*, claro), asiática, talvez, um “império amarelo” como o do imperador Basam-Damdu¹⁷. Recorde-se, por exemplo, que o que poderia unir o Ocidente e o antigo mundo soviético poderiam ser (paradoxalmente!) os mesmos valores “burgueses”. Atente-se na defesa destes, acolhendo a sua versão russa de então no seio de uma geral cosmovisão burguesa positiva, como o que se denota deste interessante passo de Georges Hourdin: “Se vejo aparecer, no écran da televisão, Kossyguine com ar cortês, de homem de bem, inteligente e plácido, de grande caixeiro-viajante obrigado a ocupar-se das coisas da vida internacional, eu reconheço-o como um dos meus (...) Deixemo-nos de coisas! A burguesia não morreu, mesmo nos países socialistas”¹⁸.

E vejam-se ainda alguns protestos de universalismo por parte de alguns comunistas, de uma futura “moral verdadeiramente humana” de que já falava Friedrich Engels¹⁹.

Mas não ocorreu como o cogitado. Sempre a História nos surpreende. O protagonista de uma pretensa missão regeneradora em nome de um Império sacro (sempre o mito da “Nova Roma”) é afinal Moscovo.

E do lado ocidental, por comodidade digamos a NATO, não desfralda uma bandeira de uma federação galvanizante como um ideal sagrado. Quantas vezes se não disse que é uma aliança defensiva? O Hino da OTAN, aliás, é de uma placidez de águas tranquilíssimas.

Sim, é verdade que se diz que a democracia é sagrada, mas só como metáfora. Sabemos que ela é a doce consagração da prevalência de uma outra mundividência, a do profano.

Até que ponto uma sacralização da democracia, com os tais novos mitos preconizados por Havel, não seria uma desvirtuação do seu projeto e atentado à sua essência ou natureza? Estamos no Ocidente preparados (e será que o queremos e será ainda que seria positivo, benéfico) para recuar aos tempos pré-iluministas, ante-Revolução Francesa? Que nostalgia é essa das épocas *em que os animais falavam*?

Há em alguns, mais letrados certamente, ou mais sentimentais, uma “saudade” dos tempos mágicos, das sagas da Távola Redonda, e até de mitologias mais recentes, que acreditam que os países foram antes “grandes”, e uma terrível decadência deles se apossou, mas que podem recuperar o passado perdido. É o conhecido mito da Idade do Ouro, nos seus diferentes avatares²⁰. Sempre utilizados como discursos legitimadores.

¹⁶ Cf. o conhecido FUKUYAMA, Francis — *The End of History and the last Man*, trad. port. de Maria Goes, *O Fim da História e o Último Homem*, Lisboa, Gradiva, 1992.

¹⁷ JACOBS, Edgar-P. — *Le Secret de l'espadaon*, Bruxelas, Lombard, 1950 (há várias edições e trad. port.).

¹⁸ HOURDIN, Georges / GANNE, Gilbert — *Les valeurs bourgeoises*, Nancy, Berger-Levrault, 1967, trad. port. de Alfredo Barroso, *Os Valores Burgueses*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 35.

¹⁹ Cf. CUNHAL, Álvaro — *A Superioridade Moral dos Comunistas*, s. l., Edições Avante, 1974, última página, «artigo publicado na revista Problemas da Paz e do Socialismo, n.o 1, Janeiro de 1974».

²⁰ Cf., v.g., GIRARDET, Raoul — *Mythes et mythologies politiques*, Paris, Seuil, 1986, p. 97 ss..

Hoje, por populistas, já no passado como forma de fundamentar historicamente progressos jurídico-políticos, como ocorreu com as invocações do passado pré absolutista nos preâmbulos da primeira Constituição francesa, da Constituição de Cádiz, e na primeira Constituição portuguesa.

A questão coloca-se sempre em cada presente. Por exemplo: poderiam hoje os pendões ocidentais voltar a usar o “in hoc signo vinces”? Se a luta estivesse a ser, como durante tanto tempo se supôs viesse a ser, em defesa de um ataque soviético, encarado como protagonista político de uma ideologia materialista, aí poderia uma versão cristianizada do Ocidente (embora o Ocidente não seja só cristão desde os tempos de laicização, que já não são de ontem), pelo menos na versão de alguns dos seus ideólogos e propagandistas, apresentar a guerra como um Armagedão da fé contra a descrença. Eventualmente se poderia interpretar apocalípticamente a URSS como o *anticristo*.

Já nesse contexto seria forçado ideologicamente fazer tais assimilações míticas. Mas agora não poderia tal proceder de forma alguma, embora haja sempre sensacionalistas para defender seja o que for. E com quanto mais carregadas tintas, melhor. É a Rússia, hoje, que se pretende campeã (a “Santa Mãe Rússia”) do sagrado contra os profanadores, os pecadores, e junta-lhes o apodo de *nazis*. A guerra da Rússia é uma guerra santa, do seu ponto de vista (embora possa nem lhe chamar guerra). Visa um Império sagrado. O Patriarca de Moscovo está em sintonia com o líder civil da Rússia no sentido de considerar que o ocidente é decadente e a 27 de fevereiro de 2022 via a ofensiva contra a Ucrânia como “uma luta contra as ‘forças do mal’ que se opõem à histórica ‘unidade’ entre a Rússia e a Ucrânia”²¹.

IV. Pela Santa Liberdade

Sagrado e profano são humanamente manipuláveis (são, obviamente, categorias humanas, desde logo), mas até certo ponto apenas. Não saberemos dizer que segredo encerram, na sua autonomia, vivência própria. Se as democracias ocidentais procurarem elementos de absolutização, de excessivo constrangimento social (uniformizador), de discurso legitimador transcendentalista, se, no fundo, imitarem a mística totalitária (que é, por seu turno, versão profana de teocracias), deixarão de ser democracias. Talvez as democracias atuais precisem de mais desenvoltura, de lideranças coletivas, colegiais e articuladas (líderes únicos são muito perigosos, e em tempos críticos mais perigosos ainda) com mais rosto e alma, mais garra, uma retórica mais sedutora e galvanizante. É possível que possa haver novos mitos de uso democrático.

Naturalmente que terá que haver mais generalizada compreensão de que a democracia, no estágio de maturidade a que chegou, incorporando diversos legados historicamente confluentes, não deixará nunca de significar um regime misto, e pode (e decerto tem de) comportar elementos de outras formas (puras) de governo, como se sabe desde Aristóteles, pelo menos²².

Mas o mundo profano da democracia (profano num sentido fisiológico e não patológico, como modo-de-ser e não como contraponto do sagrado) não é o mundo sacralizado (não digamos sagrado, para não o elevar) da autocracia.

²¹ Líder da Igreja Ortodoxa russa pede união em torno do poder, in <https://www.tsf.pt/mundo/lider-da-igreja-ortodoxa-russa-pede-uniao-em-torno-do-poder-14759630.html>, última consulta em 30 de maio de 2022.

²² Cf., por todos, uma síntese da questão no nosso livro *Política Mínima*, nova edição, Lisboa, Quid Juris, 2014, p. 143 ss..

Contudo, ao nível mais pontual, particular, micro-, menos político e macro-, certamente há ainda muito lugar para o sonho, o maravilhoso e o sagrado. Mas devolvendo-os a um universo mais privado, e sobretudo não confundindo religião e política, como já está a suceder (de há algum tempo, aliás) com a vaga de fundo da ascensão de grupos fundamentalistas ditos cristãos (normalmente classificados como “evangélicos” – mas não abrangendo todos estes)²³. Esse não é um elemento *sagrado*. Por vezes, muitas vezes, é até dimensão profana e de profanação.

O Ocidente possui um legado religioso *sui generis*, em que se inscreve também a laicidade como dimensão do Evangelho: *A César o que é de César, a Deus o que é de Deus*²⁴. Tal parece nunca ter sido muito entendido (ou pelo menos praticado) no Leste. Ora, a deriva política “evangélica” *hoc sensu* labora na mesma incompreensão e é um fruto tardio dessas heresias que na Europa desaguaram em sangrentos milenarismos que criamos enterrados e quase esquecidos²⁵.

O nosso *modus vivendi* ocidental (não é o paraíso, mas é muito melhor que outros) não pode metamorfosear-se num regresso a Cruzadas (externas e internas). Há uma dimensão de espiritualidade (religiosa ou laica) muito para além do primarismo dos que expulsam legiões de demónios, prodigalizam curas miraculosas e prometem a fortuna rápida em *shows* multitudinários em direto. Claro que as hipnosés de massas operam prodígios... Mas será esse o mundo em que queremos viver? Chamamos a isso Civilização? Honramos o legado de Sócrates, Paulo de Tarso, Boécio, Tomás Moro e tantos outros?

A democracia, síntese política, mas também cultural, da civilização ocidental, é do domínio do não sagrado, do não numinoso, sim. Mas não será sagrada, no sentido de dizer sagrada (ou santa) a República, como disse aquele militar julgado na revolução do Porto do 31 de Janeiro? Sagrada no sentido de uma mitificação política positiva. Assim disse ele ao Presidente do Tribunal de guerra, no seu julgamento:

“(...) *Eu, meu senhor, não sei o que é a Republica, mas não pode deixar de ser uma cousa santa. Nunca na igreja senti um calafrio assim. Perdi a cabeça então, como os outros todos. Todos a perdemos. Atirámos então as barretinas ao ar. Gritámos então todos: — Viva! viva, viva a Republica! (...)*²⁶.

E depois, tendo-se compreendido bem os termos e os sentidos, poderemos descomplexadamente e sem medo de mal-entendidos, falar em aspetos de democracia civil, ou micro-, em que avultam elementos sagrados, *hoc sensu*.

Tópicos como a dignidade fundamental da Pessoa Humana, a sacralidade cívica do *honeste vivere*, outrora testemunhada pela deusa Fides, a cada vez maior consciência da importância da saúde física e mental (*mens sana in corpore sano*), e da essencialidade da defesa do ambiente (havendo, pelo menos, deveres humanos e sociais para com seres vivos e mesmo inanimados da Natureza), são elementos de grande dimensão, de enorme valia e profundidade, que se não confundem com uma vil

²³ Dossier *La croisade politique des évangéliques*, in “*Courrier International*”, n.º 1647, 25 de maio – 1 de junho de 2022, pp. 26-33.

²⁴ Mt. XXII, 21.

²⁵ LE GOFF, Jacques (apresentação) — *Hérésies et sociétés dans l'Europe pré-industrielle 11e-18e siècles*, Communications et débats du Colloque de Royaumont, Paris, Mouton-La Haye, 1967.

²⁶ Do «Manifesto dos Emigrados da Revolução do Porto de 31 de Janeiro de 1891», *apud* D'ABREU, Jorge — *A Revolução Portuguesa. O 31 de Janeiro (Porto, 1891)*, Lisboa, Casa Alfredo David, 1912, ed. online

<https://www.gutenberg.org/files/29484/29484-h/29484-h.htm> (última consulta em 1 de junho de 2022).

tristeza reificada, sem perspectiva, sem conteúdo, sem projeção, sem densidade... Não falemos na riqueza admirável da Cultura, dos transportes que arrebatam até as pessoas não demasiado cultas certas obras das Artes e das Letras, e mais as pessoas mais cultas as das Ciências, Humanas e até Naturais. Um matemático pode ver a plenitude da sua vida numa nova equação, um químico numa nova fórmula, um filósofo numa nova teoria, mas as pessoas comuns sabem sentir a Música, as Artes Plásticas, o Cinema, o Teatro, a Literatura em geral, e mesmo deleitar-se com muito da História, da Geografia, da Biologia (que possuem muitas revistas e programas televisivos de grande divulgação, por exemplo). Conquanto nenhuma destas áreas seja apresentada nas suas minudências e numa linguagem meramente para especialistas.

Uma fundamentalista ideologia do cancelamento está a tentar banir a cultura russa do Ocidente. Absurda ideia. Façamos aqui homenagem a Igor Stravinsky e à sua *Весна священная* (1913), que traduzimos normalmente por *Sagração da Primavera*. Há, num mundo desnublado de credíces, superstições, e hibridações político-religiosas, lugar para muitos deuses, muitos credos autênticos (como na utopia *Québecie*, de Francine Lachance²⁷), e para o sagrado “natural”...

Poder-se-á até dizer, com algum risco, mas risco calculado, que a democracia, a qual a civilização ocidental tem feito evoluir e aperfeiçoar-se (esperando-se que o venha a fazer ainda mais), sendo de base profana, é realmente, pelo seu valor, coisa transcendente. Na Grécia Antiga, o valor Liberdade, que preside à Democracia, é representado por uma deusa: Eleutéria. E hoje o Hino helénico se chama hino à Liberdade: Ὕμνος εἰς τὴν Ἐλευθερίαν.

O mesmo, à sua maneira, ocorre com o nosso hino da Maria da Fonte, a meio do séc. XIX, onde se diz:

Eia avante, Portugueses!

Eia avante, não temer!

Pela santa Liberdade,

Triunfar ou perecer!

V. *Desafios Presentes*

A democracia, ao contrário do que alguns quiseram plasmar constitucionalmente num tratado para uma Constituição Europeia, não é, rigorosamente falando, um valor²⁸. Mas é um princípio de enorme relevo, que procura positivar o valor da Liberdade.

A defesa da democracia e da liberdade tem custos de legitimação pelo procedimento²⁹, e de permanente espírito crítico. Obviamente não significa, para mais em tempos de guerra, tornar transparentes (com paredes de vidro) os conselhos de ministros, ou avisar os planos a curto, médio ou longo prazo, como parece alguns quererem fazer. Mas não implica, evidentemente, compressões de direitos, liberdades

²⁷ LACHANCE, Francine — *La Québécoise*, 2.^a ed., Zurique / Quebeque, Editions du Grand Midi, 2001 (1.^a 1990).

²⁸ Cf. o nosso livro *Vontade de Justiça. Direito Constitucional Fundamentado*, Coimbra, Almedina, 2020, p. 279 ss..

²⁹ LUHMANN, Niklas — *Legitimation durch Verfahren*, 2.^a ed., Neuwied, 1975, trad. port., *Legitimação pelo procedimento*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1980.

e garantias senão na exata medida das previsões constitucionais, de acordo com o que possa ser imposto pelas circunstâncias. Ou seja, uma democracia em tempos de guerra tem de ser plenamente democracia – de acordo com o que as circunstâncias imponham, e no respeito pela legalidade e pela constitucionalidade.

Mas há mais: uma situação de conflito bélico, ainda que não *intra muros* da aliança defensiva do Ocidente, mas às portas do território da aliança, pode naturalmente engendrar, em muita comunicação social e forças sociais e políticas, uma retórica belicista, chauvinista, ufanista, de proclamação da excelência (e da sacralidade) dos *nosso*s e estigmatizadora dos *outro*s. Pior ainda se se veiculam *fake news* abomináveis contra o outro lado. Evidentemente que esse tipo de coisas fazem parte da guerra ideológica³⁰. Porém, é sempre necessário cautela e prudência. Até para quando a guerra acabar.

A necessária mística de apego à Santa Liberdade tem de ter uma tradução em altos ideais e não pode nunca descer de nível, como seria o caso se se tomassem atitudes (por atos ou palavras) de desrespeito por regras do Direito Internacional, ou pela simples “cortesia” da guerra civilizada. É verdade que a guerra é, hoje, sempre, uma mancha na Humanidade. Mas há guerras e guerras, e comportamentos e comportamentos em guerra, diferentes e eticamente avaliados de forma diversa.

Uma guerra é uma luta pela sobrevivência para alguns. Mas sobretudo para aqueles relativamente aos quais ela (ainda?) não é de vida ou de morte, acaba por ser um desafio ético significativo. Não vale tudo. Mas será de permitir a uns o que a outros se deve proibir, conforme o que esteja, para uns e outros, em causa?

Situações limite, a requerer muita reflexão, sabendo-se que não se trata de especulação ociosa, mas com consequências práticas, de vida ou de morte.

O hálito que percorre as ruas de Kyiv é de morte. Mas pode ser também de ressurreição. O hino da Ucrânia (adotado oficialmente em 2003) diz que ela *ainda não morreu* (aliás assim se chama: *Ще не вмерла України*). Di-lo desde a data em que foi escrita a letra, em 1862.

Parece haver nesta improvável longa resistência da Ucrânia algo de sobre humano. O patriotismo que luta pela sobrevivência nacional independente não terá ele uma grande carga de sagrado? É uma luta pela Liberdade. Os povos todos *são mistério* – dizia Fernando Pessoa. E alguns revelam-se mais nos momentos mais trágicos.

Afinal, a democracia pode associar-se por vezes, e profundamente, ao trágico, que é uma forma de sagrado.

VI. Do Sagrado Privado em Democracia

Pela ligação, até histórico-espiritual, da democracia ocidental representativa no plano político e pluralista no domínio social e cultural, com a laicização, a secularização poderá parecer que todos os domínios da vida, em democracia, deveriam exorcizar os fantasmas do sagrado, do oculto, do mágico, do mítico...

Como em tudo, ou quase tudo, o que é humano, as coisas têm de perspetivar-se de forma ponderada, sopesada, tendo em conta uma complexidade intrínseca que não raro é ambivalência.

³⁰ Cf. o nosso *Da Guerra ideológica à Guerra Cultural*, in *Homenagem ao Prof. Doutor André Gonçalves Pereira*, Lisboa, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 149-161.

O mítico está presente no racional. *Mythos* e *logos* entre si entretêm um complexo mas fecundo diálogo³¹. A oposição de timbre simplesmente “antropológico” (de alguma antropologia) entre pensamento mítico (e sociedades míticas) e pensamento racional (e respectivas sociedades) é deveras empobrecedora. Sobretudo se a pensarmos para os nossos presentes contextos de *démarche* teórica.

Numa fase plenamente madura do Direito, depois do Renascimento, do Humanismo (e já antes da reabilitação do clássico realismo aristotélico, por Tomás de Aquino), do Iluminismo e em plena grande revolução ocidental, o constitucionalismo moderno fez largamente apelo ao Mito.

A díade explícita da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, no seu art. 16.º, com o subentendido terceiro elemento – a sacralidade textual: o *sacred instrument* norte-americano – redonda numa trindade mítica, a que ainda hoje prestamos culto: separação dos poderes, direitos humanos e texto sagrado, com algum grau de rigidez ao menos.

Este exemplo nos deverá bastar, pela sua dimensão no topo da pirâmide normativa, como atestação de que a mais alta racionalização do Poder, pelo Direito, e, neste, pela constitucionalização moderna, faz uso dessas entidades subtis que são os mitos: discursos de origens, ideias força e, por vezes, mistificações. Mas mesmo estas só o são até certo ponto. Pois não acreditavam descrentemente os Gregos antigos nos seus deuses, segundo Paul Veyne?³²

Cremos, assim, que é necessária uma higiene mental e emocional da Pessoa ocidental, que afaste a credência obscurantista que ocupou o lugar deixado vago pelo recuo da crença oficial dos credos mais tradicionais e institucionais (também se lhes pode chamar, pelo menos aos mais expressivos, “grandes religiões”, como faz, por exemplo, Mircea Eliade) neste quadrante civilizacional. Trata-se, sobretudo, de credos e denominações cristãs, e mais lateralmente judaicas (e não “judaico-cristãs”, que é questão de outra índole). Não à força, mas pela força da razão.

Além dessa higienização e fruto dela também, a Pessoa ocidental deveria vir a ser capaz de, com leveza e claridade, integrar no seu quotidiano um certo reencantamento do Mundo.

Prestando maravilhadamente atenção aos milagres da Vida, da Natureza, da Saúde, dos afetos, que são mágicos e devem ser sagrados. Não de uma sacralização carregada de *pathos*, pesada, densa, tensa, algo deprimente, em conventículo sombrio e poções ou abracadabras ou seitas de gurus autocráticos, mas de um sagrado que ousaríamos dizer próximo (embora renovado) de paganismos panteístas revisitados de força saudável, um ambiente geral de laicidade convivente com todos os credos. Embora com atenção aos que o não são, mas escondem – ou nem sequer escondem – negócio, tráfico criminosos, abusos, ou aspirações políticas totalitárias.

Mesmo no seio de credos religiosos clássicos surgem aspetos de “vivência sagrada” digamos “civil”, mais secularizados. Não há razão para o cidadão nem sequer tocado pelas fés mais profundas de teologias mais complexas³³ deixar de se maravilhar e como que fazer uma oração (ou meditação – palavra que hoje se estilhaçou em mil e

³¹ Cf. o nosso *Constituição, Direito e Utopia, Do Jurídico-Constitucional nas Utopias Políticas*, Coimbra, Faculdade de Direito de Coimbra, Studia Iuridica, Coimbra Editora, 1996.

³² VEYNE, Paul — *Les Grecs ont-ils cru à leurs mythes?*, Paris, Seuil, 1983, trad. port., *Acreditaram os gregos nos seus mitos?*, Lisboa, Edições 7, 1987.

³³ Diga-se de passagem, que uma grande diferenciação entre grupos religiosos é dada pela interiorização de elementos de alta cultura e de alta arte: há os credos que vivem sem esses elementos, e aqueles em que avultam, além da teologia estrita; e mesmo esta obviamente que se divide em catecismo simples ou sumas, tratados e ensaios da maior complexidade, para cujo entendimento se necessita previamente, pelo menos, de grande conhecimento e treino filosófico.

um significados contraditórios) ante a maravilha de estar vivo e todos os dias lhe ser dado assistir ao ritual cósmico do nascer e do por-do-sol, ou ao sorriso de seus filhos ou netos... ou à estranha atração das árvores³⁴. E os exemplos poderiam multiplicar-se.

Não são estas coisas *sagradas* (*hoc sensu*), e que as democracias devem acarinhar e permitir que sejam privadamente cultuadas?

O cidadão da democracia, desatento a maravilhas, excessivamente ocupado a ganhar a sobrevivência ou a acumular para gastar mais (o híper laboralismo e a febre consumista são ainda sérios calcanhares de Aquiles do mundo ocidental – o que não quer dizer que essas febres não hajam sido passadas a outros horizontes), decerto estará menos preparado (e em certa medida, decerto, menos motivado) para defender as muralhas da Cidade. Mas é sempre preciso que para tal se encontre preparado. Porque as muralhas físicas são sempre frágeis, e apenas as humanas conseguem resistir.

Ora é preciso entender bem que não há apenas muralhas que envolvem geograficamente o Ocidente. Há também muralhas de pensamento e ação, de ética, de cultura e civilização. São tão importantes umas como outras. Por isso António Sérgio, o grande pedagogo da democracia e do civismo³⁵, dizia que lutar por uma boa Educação é tão importante quanto opor-se a uma invasão estrangeira.

Recebido para publicação em 12-06-22; aceito em 18-06-22

³⁴ Sobre estas últimas, por todos, e com múltiplas referências bibliográficas, *Vivre et penser comme un arbre. Philosophie du monde végétal*, hors-série de “Philosophie magazine”, primavera-verão 2022. Cf. ainda, *v.g.*, de entre inúmeros, CORTÈS, Édouard — *Par la force des arbres*, Paris, Pocket, 2022.

³⁵ SÉRGIO, António — *Democracia*, Lisboa, Sá da Costa, 1974; Idem — *Educação Cívica*, 3.^a ed., Prefácio de Vitorino Magalhães Godinho, Lisboa, ICALP, Ministério da Educação, 1984.